Dois instrumentos linguísticos no período de institucionalização da Linguística no Brasil: diferentes funcionamentos¹

Verli Petri²

Camilla Biazus³

Graciele Denardi⁴

Resúmen: Nos proponemos, en este trabajo, a realización de una lectura seguida de un análisis comparativo del prefaciamento de dos instrumentos lingüísticos producidos en la década de 70 del siglo XX, en Brasil: *Dicionário de Linguística e Gramática* (1977), de Joaquim Mattoso Câmara Jr. y *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1971), de Francisco da Silva Borba. De esta manera, buscamos observar como las obras son descritas, la forma como se relacionan entre si y las contribuciones que ofrecen a la institucionalización de la Lingüística en Brasil.

Palabras-clave: Lingüística, Dicionarios, Historia de las Ideas Lingüísticas (HIL)

Resumo: Neste trabalho, propomos-nos a realizar uma leitura e análise comparativa do prefaciamento de dois instrumentos linguísticos produzidos na década de 70 do século XX no Brasil: *Dicionário de Linguística e Gramática* (1977), de Joaquim Mattoso Câmara Jr., e *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1971), de Francisco da Silva Borba. Buscamos observar como as obras são descritas, a forma como se relacionam entre si e as contribuições que elas oferecem para a institucionalização da Linguística no Brasil.

Palavras-chave: Linguística, Dicionários, História das Ideias Linguísticas (HIL)

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada na I Jornadas Internacionales de Historia de La Lingüística, na Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, Argentina, em 03 de agosto de 2012.

2 Professor Adjunto DLV/UFSM. Pesquisadora do Laboratório Corpus e Tutora do Grupo PET Letras, da UFSM.

3 Professora da URI-Campus Santiago. Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Laboratório Corpus.

4 Professora da URI-Campus Santiago. Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Laboratório Corpus.

A história da disciplina linguística no Brasil tem características bem específicas e, como sabemos, conquistou seu espaço nos estudos da linguagem enfrentando um forte litígio com os estudos gramaticais e filológicos, predominantemente desenvolvidos até meados do século XX. Segundo Hamilton Elia, em sua “Sinopse dos Estudos Linguísticos no Brasil”, a Linguística seria caracterizada como a terceira fase dos estudos linguísticos no Brasil, sendo precedida pelos estudos gramaticais (que priorizavam a normatização da língua) e pelos estudos filológicos (que priorizavam a história da língua). É para estabelecer a ruptura com estas duas fases que se funda o espaço da linguística moderna, propriamente dita, no Brasil, tendo em Joaquim Mattoso Câmara Júnior um de seus principais defensores.

Dentre as diversas investidas em prol da Linguística Moderna, feitas no início da segunda metade do século XX, temos a luta pela institucionalização da disciplina nos currículos das faculdades de Letras, a formação de professores de Linguística e a produção de instrumentos linguísticos (dicionários especiais, manuais de princípios de linguística, etc.), que trabalharam para que fosse dada à Linguística a possibilidade de um efetivo funcionamento nos centros de pesquisa e de ensino universitário, o que se refletiria depois, tanto no âmbito do ensino de línguas nas escolas, quanto no modo de se conceber língua e linguagem.

A reflexão a que ora propomos, filiada a uma perspectiva discursivista, toma como ponto de partida o trabalho de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, linguista brasileiro que lecionou Linguística ainda nos anos 50 na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro e que publica, dentre outras obras, o *Dicionário de Fatos Gramaticais* (1956), reintitulado depois como *Dicionário de Filologia e Gramática* (1964) e, mais tarde, como *Dicionário de Linguística e Gramática* (1977). Segundo Matos (2004, p. 159) “trata-se de um caso único na bibliografia linguística brasileira: uma obra de referência receber três títulos, reflexo do desenvolvimento da ciência da linguagem entre nós”. Independente da discussão que a reintitulação⁵ da obra de Mattoso gera, interessamo-nos, de fato, pela última versão. Vamos estudar esse dicionário, publicado postumamente ao final da década de 70 do século XX, o qual é reeditado até hoje, selecionando para análise o prefaciamento que a obra traz. Trata-se, sem dúvida, de uma obra de referência para quem estuda a História da Linguística no e do Brasil, já que, enquanto instrumento linguístico “especial”, trabalha para a consolidação da Linguística na segunda metade do século XX; além disso, conforme Matos (2004, p. 163), o *Dicionário de Linguística e Gramática* é “um marco na história/historiografia da Linguística em língua portuguesa e um legado inestimável de quem tanto a amou”.

Ao tomarmos esta obra de Mattoso Câmara como referência, observamos que há outros instrumentos linguísticos que surgem no mesmo período e que tomam o Dicionário de Mattoso Câmara como obra para consulta e referência autorizada. Partindo desta perspectiva, selecionamos uma outra obra, de menor porte, mas de importância também singular, dentre aquelas publicadas à mesma época: trata-se do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba, de 1971.

Borba, hoje professor aposentado da UNESP (Araraquara-SP,) foi, desde muito jovem, um estudioso da linguagem e está entre os pioneiros no ensino da Linguística no Brasil, fato esse que o coloca em destaque entre os linguistas de sua época. Sua traje-

5 Cf. L. Dias, 2009.

tória nos chama a atenção em especial pela preocupação que ele demonstra em produzir instrumentos linguísticos que facilitem o ensino e a aprendizagem da Linguística. Ele é o autor da *Introdução aos estudos linguísticos*⁶ (com 1ª edição em 1971), que se tornou um dos primeiros instrumentos pensados para estudantes de Linguística, em língua portuguesa. Importa destacar ainda que Borba é um dos professores envolvidos na fundação do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), juntamente com Isaac Nicolau Salum, Ataliba Teixeira de Castilho e Cidmar Teodoro Pais, sendo Borba um dos responsáveis pela promoção do I Seminário do GEL⁷, significativo evento que acontece impreterivelmente numa cidade do estado de São Paulo e que reúne anualmente professores, alunos de Iniciação Científica e de Pós-Graduação, sempre tratando de questões pertinentes à Linguística. Nos anos 90 do século XX, antes de se aposentar, criou Associação de Atendimento Educacional Especializado (AAEE), onde afirma desempenhar um novo trabalho: “Ajudo a consertar as asas de anjinhos que caíram do céu”⁸. Em setembro de 2012, ele recebeu uma homenagem da Academia Brasileira de Letras (ABL) pela conclusão de seu último e grande dicionário, fazendo referência ao *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo*.

É o *Pequeno Vocabulário de Linguística* posto em relação ao *Dicionário*, de Mattoso Câmara, que nos interessa observar. De fato, tomando por base o *Pequeno Vocabulário*, objetivamos investigar como tal instrumento linguístico, dedicado à iniciação científica, relaciona-se com a obra de Mattoso Câmara, considerada até hoje como referencial pelos pesquisadores e professores de Linguística. Nosso recorte, para fins de análise, toma, da obra de Borba, o movimento de prefaciamento, seja o prefácio escrito por ele, seja o que foi escrito por Isaac Nicolau Salum.

Assim, nossa proposta de trabalho configura-se como a leitura e a análise comparativa do prefaciamento de dois instrumentos linguísticos produzidos na década de 70 do século XX no Brasil, observando-se especialmente como as obras são descritas, como se relacionam entre si e como elas contribuem para a institucionalização da Linguística no Brasil, tal como é trabalhada atualmente nos cursos de Letras e Programas de Pós-Graduação que conhecemos. Acreditamos que, em alguns momentos, seja possível identificar relações de aproximação e distanciamento entre os dois instrumentos linguísticos analisados, movimentos esses que vão dar maior visibilidade aos processos de constituição, produção e circulação de saberes sobre a língua nos anos 70 do século XX. Importa destacar que, mesmo não sendo especialistas em Mattoso Câmara ou em Silva Borba, interessamo-nos muito pelos modos de constituição e de circulação de diferentes dicionários. Tal interesse, distante do/alheio ao julgar se um dicionário é mais importante que outro, ancora-se no pensar as especificidades de cada obra.

1. Algumas considerações teóricas

A reflexão que nos propomos desenvolver parte da perspectiva das pesquisas que tratam “das transformações do saber sobre a língua” (SCHERER, 2005), levando em consideração

6 Também são de sua autoria as obras: *Dicionário Gramatical de Verbos*, *Dicionário de usos do Português* e a *Gramática de usos do Português*, esta última com participação da Profa. Maria Helena de Moura Neves (NEVES, 2000).

7 Atualmente o GEL já realizou 60 edições do Seminário.

8 Em entrevista concedida à Tribuna Imprensa, cuja parte da entrevista foi publicada no endereço http://search.babylon.com/imagere.php?iu=http://www.araraquara.com/img/noticias/1950690g.jpg&ir=http://www.araraquara.com/noticias/cidade/2012/10/14/borba-o-homem-que-vive-entre-anjos.html&ig=http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQL3sNt-XILFLOfl601_gdAr5KZeazBCz_ho2Ecsenk5VkJZdcX_02L4sbTr&h=600&w=400&q=Francisco+da+Silva+Borba&babsr=SP_crm

a história das disciplinas, cujos trabalhos podem ser efetuados a partir de textos instrucionais; publicações (boletins informativos de associações de professores, revistas dessas associações, anais de congressos, ementários universitários); manuscritos de cursos e materiais de ensino, como manuais e gramáticas, entre outros (Idem, 2005, p. 16).

É, portanto, nesse espaço que situamos o *Dicionário* e o *Vocabulário* sobre os quais lançamos nosso olhar, pois eles surgem em atendimento a uma demanda que é própria a um momento específico da história das ideias linguísticas no Brasil. Entendemos que é a partir destas e de outras publicações que se organiza e se institucionaliza um saber⁹ antes disperso, objeto de litígio entre diferentes estudiosos da língua. O fato é que estamos apresentando resultados parciais de nossa pesquisa sobre dicionários e sobre a institucionalização da Linguística, trazendo à baila questões ainda em formulação. Tomamos os dicionários como objetos discursivos (NUNES, 2006) passíveis de análise, concebendo-

-os “como uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, de educação e de divulgação de conhecimentos lingüísticos” (p. 43), levando-se em conta os princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso pechetiana e da História das Ideias Linguísticas. Dentre as noções teóricas mobilizadas estão as de discurso, texto, dicionário/instrumento linguístico, institucionalização do saber, prefácio/prefaciamento, entre outras, das quais tratamos, ainda que brevemente, para melhor situar as reflexões que fazemos acerca do *corpus* em análise neste artigo.

Em nossas reflexões emergem as relações entre as noções de discurso e texto, o que estabelece também relações entre o espaço da dispersão, próprio às discursividades, e o do efeito de unidade de sujeitos e de sentidos, próprios à textualidade; mas isso não se dá de modo alheio às formações ideológicas em funcionamento, já que consideramos que “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2002, p.43). Dizeres sobre a língua estão marcados/assinalados pela posição do sujeito-autor em detrimento de um sujeito-leitor e, nesse caso, trata-se do discurso científico no processo de disciplinarização da Linguística no Brasil. Importa lembrar que é o trabalho de Mattoso Câmara que o eleva ao posto de primeiro linguista brasileiro¹⁰, bem como Borba é considerado um dos primeiros professores de Linguística no Brasil¹¹.

Segundo Lagazzi-Rodrigues (2007), é importante sublinhar “a estreita relação entre produção científica, produção de um saber e legitimação desse saber, o que se faz institucionalmente, por uma relação de autoria, com a circulação de nomes de autores, de disciplinas e áreas de pesquisa” (p. 17). Tal afirmação contribui com nossas reflexões, sobretudo, no sentido de que encontramos muito de Mattoso Câmara no trabalho de Borba, seja citado textualmente, seja por referência, ou, ainda, estreitando laços entre a produção científica e a circulação dos saberes num espaço ainda muito profícuo à Filologia e à própria gramática: a sala de aula dos cursos de Letras.

Da perspectiva teórica que trabalhamos, o dicionário é compreendido, antes de tudo, como instrumento linguístico da maior relevância para o processo de gramatização de

9 O que comumente é reunido sob o título de Linguística Moderna e ao que denominamos, neste trabalho, como Linguística.

10 Cf. Uchôa (2004).

11 Conforme declarou, em conversa informal, a Prof^a. Eni Orlandi, que testemunhou o início do trabalho do professor na UNESP de Araraquara na disciplina de Linguística do Curso de Letras, no início dos anos 70 do século XX.

uma língua (AUROUX, 1992). Trazendo esta noção para funcionar no corpus que estamos estudando, ela sofre um certo deslocamento, já que o *Dicionário* e o *Vocabulário* fazem parte de um grupo especial de instrumentos linguísticos (sendo diferentes mesmo entre si). Tais instrumentos linguísticos são tomados como saber metalinguístico sobre o que é a Linguística, o primeiro como aquele que ocupa a posição de referente para os demais; e o segundo, como aquele que deve viabilizar o ensino da disciplina Linguística para iniciantes.

Para o analista de discurso, o dicionário é um instrumento linguístico que pode (e deve) ser lido como um texto que tem seu processo de produção permeado por certas condições e por uma rede de memória ante a língua, produzindo, por sua vez, efeitos de sentidos (ORLANDI, 2002). Um desses efeitos do processo discursivo que se desenvolve na constituição do dicionário é destacado por Orlandi (idem) como o *efeito da completude da representação da língua no dicionário*. No caso que estamos analisando, pensar em um dicionário de Linguística é pensar em um espaço/lugar que contenha (todo) o conhecimento referente a essa área, (todos) os “códigos” possíveis e necessários para “decifrar” o que seria “o suposto saber da Linguística”. Há, de fato, um imaginário em funcionamento, e este não pode ser negado. Assim, podemos identificar uma tomada de posição-sujeito que se relaciona com o *Dicionário*, de Mattoso Câmara, como aquele que detém todo o saber necessário a um linguista; bem como podemos identificar uma tomada de posição-sujeito que utiliza o *Vocabulário* (dicionário), de Borba, que tem a ilusão de que a Linguística lhe é acessível em seu todo, fazendo parte da sua realidade de iniciante, de estudante de Letras. De fato, é próprio ao sujeito construir um imaginário de que o conhecimento é “domesticável”, sendo apreensível em sua totalidade, por isso os instrumentos em funcionamento, são eles os grandes “senhores” que poderiam controlar e dominar os processos de produção de um determinado saber. Como nos explicita Orlandi,

a representação fiel do dicionário nos dá uma língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas. Do mesmo modo, o dicionário parece não ter ideologia, sendo ‘neutro’, ou melhor, tendo a neutralidade (universalidade) da língua. Como não tem marcas ideológicas, sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente (Orlandi, 2002, p. 108).

Nesse sentido, o dicionário parece ser um lugar de amparo das incertezas e dúvidas e também da condição de incompletude humana frente ao saber. Pensar a ideologia em relação aos efeitos desse “lugar-dicionário” torna-se possível a partir de uma análise discursiva, o que vai explicitar não só o que de fato é um dicionário, mas também as diferenças entre um dicionário e outro, em um dado momento histórico, sob uma dada conjuntura. Corroborando com esta reflexão, Nunes (2010) explicita a importância de se tomar o dicionário como algo que é produzido por sujeitos e para sujeitos e que a constituição de um dicionário envolve práticas reais em determinadas conjunturas sociais, levando em conta a relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram. É inegável que o dicionário deve ser “visto como um discurso sobre a língua, mas especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas” (Idem, p. 7).

No caso de dicionários específicos, como estes que estamos estudando, o tratamento dado à língua é ainda mais criterioso, já que trabalha no espaço da metalinguagem, fazendo a língua funcionar na descrição de si mesma, seus processos, sua existência e sua movência. Trata-se de algo bastante complexo, o que nos leva a realizar um recorte inicial que prioriza o espaço de prefaciamento dos instrumentos linguísticos em análise, pois

acreditamos que nesse espaço é possível recuperar um pouco das condições de produção de cada obra, o que nos remete a aspectos históricos transbordantes no discurso do dicionarista, do colega que apresenta a obra, dos editores, etc. Temos realizado outros trabalhos que privilegiam a análise de prefácios, sejam eles de livros didáticos ou de dicionários, o que nos leva a compreender o prefácio como:

um texto que precede o texto principal, povoado por palavras e por silêncios (...) é um texto com funcionamento muito próprio: ele vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que vem na sua sequência. Nele está contido o que pode e o que não pode ser dito, bem como nele se revelam marcas da posição-sujeito que produz a obra como um todo (PETRI, 2009, p. 330).

Quando se trata de dicionários, estamos pensando o movimento de prefaciamento da obra como tudo aquilo que vem antes dos verbetes propriamente ditos, é nesse espaço anterior aos verbetes, dispostos em ordem alfabética, que nos deparamos com a proposta mercadológica apresentada pelos editores, com a apresentação qualificada de professores e colegas dos dicionaristas, bem como com a apresentação e o plano do dicionário proposto pelo próprio dicionarista. É desta perspectiva, então, que tomamos o objeto de análise, seja para descrevê-lo mais de perto, seja para refletir um pouco mais sobre o fazer daqueles que produzem conhecimento sobre a língua e sobre a Linguística.

2.Descrição do movimento de prefaciamento dos dicionários em análise

2.1 Dicionário de Gramática e Linguística - I

O dicionário de Mattoso Câmara apresenta em seu prefaciamento seis seções, que enumeramos na ordem como se apresentam na obra, o que promove a regressão de um momento histórico mais atual para o momento em que o dicionário foi publicado pela primeira vez (1956):

- a) **Sinopse dos estudos linguísticos no Brasil**, de Hamilton Elia;
- b) **Biobibliografia**, mencionada no texto de Hamilton Elia, o que nos remete a crer que foi ele quem organizou;
- c) **Nota dos editores para a 7ª edição**, assinada por Clarêncio Neotti, teólogo franciscano, (com a data de julho de 1977, em Petrópolis);
- d) **Advertência para a 3ª edição** (com data de 1968, no Rio), sem assinatura, o discurso se apresenta impessoal, e o autor aparece em letra maiúscula e em 3ª pessoa do singular, o que nos remete a uma tomada de posição diferenciada;
- e) **Advertência para a 2ª edição**, que revela o discurso do dicionarista em 1ª pessoa do singular e é datada de 1963, em Lisboa;
- f) **Explicação preliminar da 1ª edição**, assinada por J. Mattoso Câmara Jr.;

No caso específico desta edição do dicionário de Mattoso, temos também um posfácio e mais uma lista de verbetes dicionarizados como complementação e atualização da edição anterior. Este posfácio será tomado como constitutivo do prefaciamento, tendo em vista que o autor do posfácio diz-se “leitor e privilegiado prefaciador” (MATOS, 2004, p. 163), apresentando um funcionamento bem específico, conforme veremos nas análises.

- g) **Posfácio**, assinado por Francisco Gomes de Matos, com um subtítulo que é *Explicação prévia* e outro que é *Verbetes adicionais ao corpus do DLG* (com 25 verbetes).

2.2 *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna - II*

Já o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba, apresenta em seu prefaciamento as seguintes seções:

a) **Prefácio**, assinado por Isaac Nicolau Salum, produzido em São Paulo e datado de 31 de outubro de 1970;

b) **Introdução**, subdividida nos seguintes tópicos: 1. **A problemática terminológica**; 2. **A formação dos tecnicismos**; 3. **Sugestões**; 4. **Plano deste dicionário**; assinada por Francisco da Silva Borba, em Araraquara, em maio de 1969.

Sobre as análises

Dicionário de Gramática e Linguística – I

Para a realização das análises, tomamos como ponto de partida a seção do prefaciamento do *Dicionário* de Mattoso Câmara que se intitula **Explicação preliminar da 1ª edição**, assinada por J. Mattoso Câmara Jr., o que remete o leitor a um texto assinado pelo dicionarista e que consta em todas as edições. Nesta seção é possível identificar as relações do sujeito que produz o dicionário e o processo de disciplinarização/institucionalização da Linguística no Brasil. Estamos tratando de um texto produzido em 1956, portanto é anterior à publicação da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), que foi “uma organização terminológica” (Guimarães, 1996, p. 132), da resolução do Conselho Federal de Educação que torna obrigatória a disciplina de Linguística nos Cursos de Letras das faculdades/universidades brasileiras. Para melhor vislumbrarmos o processo de institucionalização da Linguística na produção deste dicionário, selecionamos algumas sequências discursivas (SDs) e vamos discutindo, conforme segue:

SD 1 – “o interesse básico do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa tem de ser, na Seção de Língua, o estudo da Língua Portuguesa, que, ao lado da ciência do Direito, o grande patrono da Casa tanto cultivou na sua vida exemplar de intelectual.” (p. 30)

O dicionarista destaca a importância da Editora, trazendo a relação entre os estudos da língua e as outras ciências humanas, como é o caso do direito, área do saber com a qual Mattoso também se identifica. Assim temos acesso às condições de produção: um período em que, para se falar de língua e estudos linguísticos, era preciso estar em outro lugar, só assim era possível movimentar a tradição da produção de saberes que se vinculavam ora à gramática normativa ora à filologia.

SD 2 – “a arte normativa tem de partir, em cada um de nós, da compreensão do que é a linguagem e do funcionamento espontâneo da língua a cujo bom emprego se pretende chegar.” (p. 31)

Trata-se de um dicionário de Fatos Gramaticais, em sua primeira edição, o que remete o dicionarista a explicitar a mudança de perspectiva de norma, enquanto dado, e a língua em funcionamento, enquanto fato. Assim nos deparamos com a introdução de um sujeito na língua, um sujeito que está “em cada um de nós”, que pode compreender a linguagem para fazer o bom uso da língua. Há outras opções, além das classificações, categorizações, flexões, etc..

SD 3 – “Não há arte normativa sem a base do conhecimento científico da interpretação desinteressada, quer se trate de uma ciência da natureza, quer de uma ciência do homem. É por não atentar nesta verdade que a nossa gramática escolar, mesmo depois de adereçar-se como o eruditismo da Filologia, patinha em regras estéreis, falazes e contraditórias, e perturba, muito mais do que rege, o uso eficiente da língua falada e escrita.” (p. 31)

Neste recorte nos deparamos com a introdução da idéia de ciência, da importância do fazer científico, seja qual for a área de saber. Para Mattoso, a ciência linguística tem papel fundamental para que se possa alcançar a desejada “qualidade” de língua que filólogos e gramáticos tanto almejam. Essa é a via que o dicionarista encontra para movimentar sentidos antes estáveis, estabilizados pela normatização.

SD 4 – “Finalmente, são também, de certo modo, atos gramaticais os próprios sistemas lingüísticos como entidade social, conceituando-se em falar dialeto, gíria, língua e etc., ou consubstanciando-se, geograficamente distribuídos, em meios coletivos de comunicação, que são as línguas e os blocos de línguas particulares, como o português, o latim, o indo-europeu.” (p. 32)

Nesta sequência discursiva, destacamos especialmente a definição de “atos gramaticais”, que nos remete ao título da primeira edição do dicionário, ora em análise, mas traz também o movimento sobre o saber dado como gramatical/normativo em direção de um saber propriamente lingüístico, no qual é possível visualizar outros falares que se relacionam com o que é normativo, mas não se identificam plenamente com ele o tempo todo, mas que são também objeto de estudo dos linguistas.

SD 5 – “Ficaram, portanto, previstos no plano do Dicionário, apenas verbetes para os subconceitos restantes em que dividimos, no parágrafo anterior, o conceito geral de ato da língua. Foram arrolados os diversos agrupamentos de formas gramaticais, os processos gramaticais com os diversos aspectos que assumem a linguagem, as categorias gramaticais que funcionam na língua portuguesa e o sistema lingüístico como entidade social.” (p. 33)

Já nesta sequência discursiva nos deparamos com a retomada de fato gramatical por “ato da língua”, enquanto espaço que abarca o normativo/gramatical, os processos, os diversos aspectos da linguagem e o sistema lingüístico como entidade social.

SD 6 – “Em outros termos, um ato gramatical figurou tanto por existir direta como indiretamente em português.

5. O Dicionário de Atos Gramaticais, composto nestes moldes, com o fim de fazer compreender a nossa língua em sua estrutura, em seu funcionamento espontâneo e em sua história, destina-se a preencher uma lacuna da nossa bibliografia filológica.” (p. 34)

Há, nesta sequência discursiva, a remissão ao título da primeira edição e a justificativa para os modos de dizer que este dicionário assume: ele não está desvinculado do que se vinha fazendo antes em termos de gramática e de filologia, mas se propõe a preencher uma lacuna, perceptível, sobretudo, para quem estava estudando e lecionando Linguística Moderna.

SD 7 – “Procurou-se aqui neutralizá-la com a escolha cuidadosa dos verbetes, destinados a focalizar fatos centrais, e, em cada um, com uma exposição ampla e coerente, abrangendo vários fatos intimamente correlatos. Estes últimos, por sua vez, não ficaram perdidos para uma consulta direta, porque constam de verbetes de remissão, onde estão indicados os verbetes centrais em cujo corpo se deve procurá-los. Por outro lado, os próprios verbetes centrais foram articulados entre si pela remissão, feita em cada um, a todos os outros que com ele logicamente se associam.” (p. 34)

Esta sequência discursiva foi selecionada por recuperar a idéia de “fato”, o que introduz a idéia de “estar em processo”; assim, quando se está descrevendo a estrutura do dicionário, temos uma estrutura diferenciada, sem dúvida.

SD 8 – 6. É óbvio que neste plano, pautado numa seleção de verbetes, predominou um dado critério. A obra reflete, neste sentido, um ponto de vista pessoal e nem poderia deixar de fazê-lo, embora se tenha evitado cuidadosamente um arbítrio essencialmente subjetivo, com a distribuição, tão objetiva quanto possível, dos fatos gramaticais pela sua importância e dependência intrínseca.” (p. 34)

Nesta sequência discursiva, temos a remissão à tomada de posição do sujeito que apresenta a obra e que toma mais ou menos consciência de que está propondo algo diferenciado e, além disso, que, por mais subjetivas que as escolhas possam parecer, elas obedecem a critérios objetivos e, portanto, a obra pode ser tomada como científica.

SD 9 – 7. “O mesmo critério regeu a escolha dos termos técnicos. Ressalvou-se de início nesta Explicação que não se teria aqui um Dicionário de Nomenclatura Gramatical. O objetivo foi o fato gramatical e não a sua denominação.” (p. 35)

Eis o cuidado de Mattoso Câmara na descrição de sua obra, posto que neste período já estava em discussão a polêmica utilização de diferentes nomenclaturas gramaticais e já se organizava o grupo de estudiosos que trabalhariam para a redação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que entrou em vigência em 1959. Pensar o fato gramatical em detrimento da nomenclatura gramatical é privilegiar o processo, o fato, o próprio da língua. Portanto, é possível identificar as relações dos estudos de Mattoso Câmara com a fundação de um lugar para a Linguística assim como ele a concebia.

Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna – II

Já o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba, professor de Linguística Geral em Araraquara, interior de São Paulo, publicado em 1971, como o número 31 da coleção Iniciação Científica, da Companhia Editora Nacional, vem a público sob outras condições de produção: já está em vigência a NGB, o ensino de Linguística nos cursos de Letras já é obrigatório desde 1962, várias obras de Mattoso Câmara já estão disponíveis e circulando no meio acadêmico nacional e internacional, dentre as quais destaca-se, por nosso interesse, o *Dicionário* em análise.

Como já indicamos anteriormente, deteremo-nos no prefaciamento da obra que se subdivide em **Prefácio**, escrito por Isaac Nicolau Salum, e em **Introdução**, escrita pelo

próprio Francisco da Silva Borba. Para propormos o estabelecimento de relações entre este *Vocabulário* e o *Dicionário* de Mattoso Câmara, selecionamos algumas sequências discursivas, conforme segue:

SD 1 – “...há um dicionário de especial interesse para estudos de lingüística moderna que merece destaque: é o do saudoso Prof. J. Mattoso Câmara Jr., que saiu em 1956, com 228 páginas, com o nome de *Dicionários dos Fatos Gramaticais*, edição da Casa de Rui Barbosa. Saiu depois, como em 2ª edição, em 1963, mas totalmente refundido, no formato e no conteúdo, e com outro título, - *Dicionário de Filologia e Gramática*, - e depois, em 1968, em 3ª edição, com 384 páginas, editado por J. Ozon. Como o título deixa entrever, há uma preocupação pedagógica e tradicional a orientar a matéria, mas com fortes luzes de lingüística moderna, que era realmente a especialidade de seu autor”. (Prefácio, p. 17)

É feita referência específica, por Isaac Nicolau Salum ao *Dicionário* proposto por Mattoso Câmara, tomando-o como obra de referência para o que vem depois. É interessante observar que, mesmo não tendo saído ainda a publicação com o título de *Dicionário de Linguística e Gramática*, já é possível explicitar a presença de “fortes luzes de linguística moderna”.

SD 2 – “Há muita gente precisando desses dicionários de Linguística entre nós: o grande número de estudantes dos cursos de letras, das faculdades ou institutos de letras, os das demais ciências humanas ou de outras às quais a Linguística interessa de perto, os professores e estudiosos de Linguística e de línguas em geral.” (Prefácio, p. 18)

Faz menção à importância de tais instrumentos linguísticos, na área de Letras e em outras. O *Pequeno Vocabulário* surge em atendimento à demanda da época, trata-se da instrumentalização que deve contribuir para uma efetiva institucionalização da Linguística Moderna como disciplina nas faculdades de Letras.

SD 3 – “Mas é por ser um *Pequeno Vocabulário*, simples e modesto, embora escrupuloso, que ele há de ser útil a estudantes e professores. E é nesse sentido que eu devo saudar como auspicioso e seu aparecimento, não como um competidor dos já existentes, mas como um colaborador, que não fará duplo emprego com eles, mas que estimulará e completará a consulta a eles, ajudando a atualizar informações. Aí está um encargo que ele tem de aceitar, visto que vem depois e se beneficiou do conteúdo e da experiência de seus antecessores.” (Prefácio, p. 18)

Observa-se aqui a ênfase ao ensino, ao funcionamento do instrumento, de um instrumento que visa a didatizar o ensino da Linguística e que dá mérito aos dicionários anteriores como o de Mattoso Câmara, tantas vezes citado.

SD 4 – “Um dicionário, qualquer que ele seja, não é assim. Trabalho nenhum de Linguística hoje pode sair em edição definitiva. Cabe ao autor velar pelo seu aperfeiçoamento. Mas é justo que ele espere daqueles que o

consultarem com proveito a colaboração e o estímulo de alguns momentos de lazer.” (Prefácio, p.19)

O autor toma a posição do professor que ensina, mas que também aprende, que espera ainda poder qualificar o trabalho ora apresentado.

SD 5 – “A ciência da linguagem atravessa uma fase de franco desenvolvimento de modo que não apenas novos fatos têm sido descobertos ou novas técnicas de análise têm sido postas em prática, como também muitos conceitos e posturas teóricas têm sido abalados em seus alicerces pela acurada observação de um número cada vez maior de línguas. Ex.: o conceito de palavra, antes aceitável, vem-se tornando alvo de inúmeras discussões.” (Introdução, p. 21)

A utilização da exemplificação é uma estratégia didática e que o coloca em posição de salvar-se de críticas, já que ele mesmo está colocando em discussão conceitos que já foram tomados como verdades absolutas.

SD 6 – “A nossa nomenclatura gramatical, legado milenar dos gregos, vem resistindo às mais duras provas, pois apesar das severas críticas, continua soberana, pelo menos no essencial. Tome-se um livro ultramoderno de lingüística – é muito improvável que nele não se encontrem como sujeito, predicado, substantivo, adjetivo, advérbio, preposição etc.” (Introdução, p. 22)

Nessa época, a NGB estava em pleno funcionamento, e Borba destaca isso como um aspecto positivo, pois ela também funciona visando a uma normatização para quem ensina a língua, quando deveria funcionar como um facilitador. Da perspectiva dele, por mais moderna que seja a Linguística, ela se embasará sempre nesta nomenclatura pré-estabelecida para descrever a língua.

SD 7 – “... acrescentaríamos que os progressos da ciência não são privilégio de uma classe restrita de iniciados – a ciência deve beneficiar toda a coletividade (Ah! O pragmatismo!). Daí a necessidade de especialistas que também se preocupem com a divulgação, explicando, comentando e mesmo “traduzindo” a nomenclatura, pois esta, se arrevezada e inacessível, pode afugentar o principiante e desperdiçar talentos.” (Introdução, p. 22)

Borba destaca a importância de quem produz um dicionário específico ou um vocabulário como o que ele propõe, considerando que é preciso conquistar adeptos à Linguística e não afugentá-los com dificuldades terminológicas intransponíveis.

SD 8 – “Também foram utilizados alguns dicionários especializados. (...) O de Mattoso Câmara, excelente sem dúvida, procura, como diz o próprio autor ‘dar, em ordem alfabética, para consultas ocorrentes, as noções gramaticais, como base para a compreensão estrutural, funcional e histórica da língua portuguesa’ (p. 11).” (Introdução, p. 25)

Nessa SD aparece a citação textual de Mattoso Câmara, em sua Explicação à 1ª Edição, o que sustenta a fundamentação teórica do Vocabulário ora proposto por Borba, colocando-o, com isso, no rol de dicionários específicos de Linguística, na década de 70.

SD 9 – “Dirigimo-nos especialmente a estudantes na tentativa de ajudá-los a penetrar no campo atraente dos estudos lingüísticos. Julgamos que o professor universitário, ao lado da investigação original que faz avançar a ciência e de suas obrigações didáticas, deve também contribuir para a divulgação de sua disciplina.” (Introdução, p. 26)

Já neste último recorte, deparamo-nos definitivamente com a tomada de posição do sujeito que é professor de Linguística e que acredita na divulgação da disciplina que ministra. Trata-se de um dever, se alguém ainda não se deu conta de que a ciência avança e que o professor universitário precisa acompanhar este avanço, ele propõe que isso se torne uma prática, via ensino. Portanto, Borba toma a posição de professor e se propõe de fato a “professar” em prol do ensino da Linguística.

3. Considerações finais

A partir do percurso que propomos inicialmente, bem como do referencial teórico e metodológico mobilizado, podemos finalizar apontando que:

- a) a elaboração e publicação do *Dicionário* e do *Vocabulário*, cada um a seu modo e a seu tempo, atendem a uma necessidade sócio-histórica: é preciso produzir mecanismos/instrumentos de disciplinarização e de institucionalização do saber lingüístico, dito moderno;
- b) os instrumentos analisados contribuem de modo significativo para a efetivação do estudo da Linguística Moderna em detrimento do estudo da Gramática e da Filologia, sem, no entanto, ferir o estatuto de cada uma destas disciplinas;
- c) é possível ver também na produção de instrumentos lingüísticos, neste caso dicionários, as diferentes propostas de trabalho, fases e nuances do processo de disciplinarização e institucionalização da Linguística Moderna no Brasil;
- d) a importância do trabalho de Mattoso Câmara, como o primeiro linguista brasileiro, se evidencia na relação entre os dois instrumentos lingüísticos analisados. Nossas análises explicitam ainda a importância de Mattoso Câmara para os trabalhos em lexicologia e dicionarização da língua, do lugar das especificidades disciplinares;
- e) esta reflexão proporciona também a recuperação de importantes elementos da História das Ideias Lingüísticas, via leitura e análise do prefaciamento das obras em questão, contribuindo tanto para os estudos sobre a constituição da ciência lingüística no Brasil quanto para a história do ensino desta disciplina ainda nos anos 70 do século XX.

Referências

AUROUX, S.. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992.
BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de Linguística Moderna**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1971. Col. Iniciação Científica, V. 31.

- DIAS, J. P. **O lugar e o funcionamento do título pela obra de Mattoso Câmara**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2009.
- GUIMARÃES, E. Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: A Gramatização Brasileira. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. (Orgs.) **Língua e cidadania: o Português no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 127-138.
- LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. O político na lingüística: processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Política lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes. p. 11-18
- MATOS, Francisco Gomes de. O dicionário de lingüística e gramática: notas de um leitor-posfaciador. **D.E.L.T.A.**, 2004, p. 159-164. N. 20, Edição especial.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à Língua Portuguesa. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.
- NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010. p. 6-21.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento lingüístico**. Campinas: Cortez, 2002.
- PETRI, Verli. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: Freda Indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira; Solange Mittmann. (Org.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos - SP: Claraluz, 2009, v. 1, p. 329-336. **Disponível também em** <http://issuu.com/prazeremler/docs/contemporaneidade>
- SCHERER, Amanda Eloina. Linguística no sul: estudo das idéias e organização da memória. In: SCHERER, Amanda Eloina (Org.) **Sentido e memória**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 9-26.
- UCHÔA, Carlos. Mattoso Câmara: um novo discurso sobre o estudo da linguagem no Brasil. **Revista D.e.l.t.a.**, n. 20, Especial, 2004. p. 1-8.